

Escola Waldorf Michaelis

Ata da Roda de Conversa com o Dr. Darlan Schottz Ferreira Rio de Janeiro, dia 27 de Agosto de 2020

Via Zoom

Presença de 79 pessoas

ABERTURA E BOAS VINDAS

Poema:

Repousam no fundo da minha alma as boas e as más sortes.
O que de bom, diariamente, me aflui, quero notar.
Nisso se me mostra o que os deuses fizeram de mim.
O que de grave, às vezes, me aflui, quero suportar.
Nisso se me mostra o que eu mesmo posso fazer de mim.
Agradeço a minha boa sina como vivo agora;
Agradeço a meu vigor na má sina: a força que pode conduzir-me subindo na vida.
Quem crê só que a boa sina promove,
À má sina se curva.
Esse não vê o ano, mas somente o dia.
Há um Deus em mim.
Há um mundo em meu redor.
Se estiver ouvindo o mundo,
Ao Deus ouço melhor.

Rudolf Steiner

Leila faz as boas vindas: Boa noite!

Leila agradece a presença do Dr Darlan, médico parceiro da escola de muitos anos, e que está nos assessorando no momento atual. Agradece também a todos os participantes, pais, mães, que estão aqui hoje fazendo parte dessa discussão sobre volta às aulas, e no que essa volta às aulas implica pra todos nós.

Informa que temos um grupo formado por professores, gestão escolar e mães da área da saúde que vem se reunindo há meses para construir um plano de retorno às aulas, com protocolos e cuidados necessários para quando chegar esse momento. É um documento que está sendo feito a muitas mãos e com muito cuidado, considerando diferentes aspectos.

“A gente sabe que quando as aulas presenciais retomarem, teremos uma nova rotina, um novo ritmo dentro da escola, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental. São segmentos que tem realidades diferentes, e estamos considerando isso.

A discussão de hoje tem como objetivo lançar luz sobre a nova realidade quando retornarmos presencialmente no que concerne aos cuidados que vamos precisar ter, e os impactos que esse retorno pode causar em relação a transmissão do vírus.

A gente sabe que por mais que a escola crie protocolos de higiene, que tenha um novo ritmo dentro da escola, aumentando os hábitos de higienização, fazendo com que aconteçam com mais cuidado e frequência, que a gente diminua possibilidades de atritos e aglomerações,

não devemos perder de vista que estamos lidando com crianças pequenas, ou seja, falhas acontecerão. Lidamos com crianças e sabemos que situações improváveis vão acontecer!

A escola está buscando criar um plano de retorno a partir da literatura, do que já se tem como conhecimento e da experiência de outros países, mas sabemos que as medidas adotadas pela escola não vão excluir a possibilidade de contágio.

Não estamos aqui hoje para apresentar o nosso plano de volta às aulas. Estamos construindo esse plano há alguns meses e a gente vai ter uma conversa com a comunidade para apresentação desse plano em outro momento. Mas a conversa de hoje é fundamental para que, a partir da troca, e das reflexões que vão surgir, a gente continue a desenvolver as estratégias de retorno.

Temos uma data para retorno às aulas divulgadas pelo estado, que é dia 14 de setembro, porém não temos certeza se essa data irá se manter, já que os índices de contágio no Rio, estão aumentando nos últimos dias. Há um clima de incerteza sobre isso. Também precisamos deliberar internamente o dia de volta, caso essa data se mantenha.

Vamos manter todos informados, semanalmente.

A reunião de hoje vai ser dividida da seguinte forma:

20h15 – Fala do Darlan

20h45 – Perguntas

Temos conosco também as mães especialistas que estão conosco nesta construção e dizer para se sentirem à vontade para responderem as perguntas, se for o caso. E aproveitar para agradecer a dedicação e a doação de trabalho!

Haydee, mãe da Antonia e Aurora

Thais, mãe da Helena

Danielle, mãe da Fiorella

Alessandra, mãe do Tomás

“Por fim, passo a fala para o Darlan”.

Dr. Darlan fala sobre a medicina escolar, uma prática nas escolas waldorf que une a pedagogia às questões médicas. A criança vivencia uma situação muito mais corporal do que psíquica. Não dá para imaginar um contato com uma criança pequena que não seja através do toque, do tato. É bem diferente de uma situação de um adolescente, que já tem uma independência corporal e até busca um isolamento. Portanto, uma criança pequena não tem condição de estar isolada.

Ele fala sobre estes três momentos, chamados setênios, em que há situações diferentes acontecendo. Quando olhamos para o ensino fundamental, podemos dividi-lo também em 3 etapas. No começo do fundamental, a criança ainda está banhada pelas águas do 1 setênio. Ela vai pro fundamental, mas não mudou tanto assim. É uma criança que tem muito mais movimento no corpo do que juízo, e ainda bem que é assim. Isso é da natureza, a criança está se desenvolvendo. Temos, então, esses “seres humaninhos” que não vão aceitar bem todos esses protocolos e regras, pois querem muito uma interação corporal.

A escola é claramente um ambiente do coletivo, e não é só porque tem um monte de gente ali. Quando temos uma criança com necessidade especial, geralmente esta criança precisa ser olhada no âmbito individual, e então é chamado um mediador para dar conta disso e permitir que o professor possa estar com as demais crianças da turma. A escola é mesmo um lugar onde não há isolamento, há trabalho em conjunto; uma turma precisa trabalhar em conjunto.

Quando olhamos para a saúde, há uma relação de maior isolamento. Os CTI's, em que há isolamento total, em que cada um é um indivíduo. Totalmente diferente do mundo escolar e do mundo da criança, em que todo mundo é bom, todo mundo é confiável e ela está segura com todos. A criança não pensa que o outro pode ser um vetor.

Por isso, o ambiente escolar é uma situação especial que deve atender à pessoas que não sabem se comportar dentro desses protocolos.

Darlan propõe algumas reflexões: será que esta criança que vai vir para a escola está completamente isolada? Ou será que ela já está em contato com outras pessoas em sua rotina e então vai passar também a ir para a escola? Há também um medo das famílias de levar as crianças para a escola, e outras que querem levar imaginando que risco tem em todo lugar. Há então essa dinâmica social.

Há pesquisas hoje que não ajudam muito, pois dizem que as crianças que pegam o vírus não costumam adoecer ou agravar a doença. Há pesquisas que dizem que as crianças podem ter mais carga viral que adultos e que podem contaminar adultos sendo assintomáticas. Temos também a vacina, que todos esperamos, mas sem ainda certeza. Não temos vacina para herpes, nem para AIDS, apesar de estarmos atrás há muito tempo nesta pesquisa.

No meio disso, não podemos esquecer da situação da escola. Todas as curvas de epidemia sobem e descem. Porém, esta subiu e não desceu. O risco de abrir as escolas é ter maior contágio e subir mais ainda; porém, sem a certeza de que a curva abaixe, por quanto tempo será que a escola consegue funcionar? Não temos segurança alguma de que este caso vá mudar a curto prazo, e então precisamos em algum momento começar um contato com as crianças – com cuidados determinados.

Darlan também se pergunta: “O que é a escola? Toda vez que a gente fala escola, a gente pensa no prédio. Para um médico escolar, a escola é o professor. Então eu queria colocar que eu acho que talvez a gente possa pensar no contato dos alunos com os professores em algum outro ambiente”. Ele se pergunta sobre encontros em espaços abertos, por exemplo, para fortalecer a relação entre o professor e o aluno. O que presta não é o prédio – e sim a relação daquele professor com aquele aluno, o contato entre eles – até por termos um prédio que não favorece. Este também é algo para refletir: buscar formas criativas de viabilizar o contato. E ainda que as crianças venham para a escola, pensar em passeios ou algo que descongestione o espaço.

Tudo isso pensando que as crianças não são só pessoas, mas pessoas que não têm condições de manter um isolamento estando no mesmo espaço. Não é um problema das crianças, é uma situação natural de seres humanos nesta idade; Darlan ainda lembra que temos algumas crianças com questões de comportamento: rebeldes, opositoras, desafiadoras; como é que ela vai se articular com tudo isso?

Darlan coloca a possibilidade de que só vamos conseguir ter um protocolo de postura básica e saber o que fazer na hora que começarmos a praticar, a fazer. “Então, sendo assim, vamos ter que conversar assim: Quando o seu filho vem para escola? Quando o prefeito autorizar? E quantos vêm? Em que sala vamos colocar? Como vamos agir?”

Perguntas:

Alexandra Tsallis fala sobre a mudança dos protocolos da OMS e da UNESCO.

Darlan comenta as questões relativas à máscara. Caso a pessoa leve demais a mão ao rosto por causa da máscara, isso é um problema. Uma criança que não consegue controlar isso, como fazemos? Ela primeiro move, depois ela pensa! Isso não pode acontecer. Como a maior parte do contágio parece ser colocar a mão no lugar das partículas de saliva, não faz sentido. A

gente pode colocar no protocolo: se a criança for no banheiro e fizer cocô, o próprio professor vai limpar banheiro. Será que é factível? Quem vai ficar com a turma enquanto isso? Se você cria a norma, você tem que fiscalizar, e como é que fiscaliza isso? Precisamos buscar protocolos que possam ser feitos.

Mayra Gois: infectologistas entendem que as crianças não são grandes vetores em potencial. Ainda não há conclusões certas sobre isso, né?

Darlan: “ainda tem esta questão da fakenews.” Ele comenta que a gente sabe que é vírus, pelo menos, porque há cem anos atrás nem saberíamos! A gente sabe bastante coisa hoje, temos algumas ferramentas para lidar, mas mesmo sabendo, a situação é bem séria. As escolas têm uma particularidade de não isolamento, mas não estamos mais mesmo em uma situação de isolamento, não é?

Nathalia: Darlan, como a antroposofia enxerga este fenômeno?

Darlan diz que já viu alguns médicos antroposóficos falando, mas não existe algo oficial da antroposofia. Ele sugere falar o que ele pensa, mas sem dar uma palestra sobre isso. Darlan fala que o vírus é um material genético, que é de onde a gente vem. Somos feitos de um material genético. Isso está dentro de uma dinâmica do ser humano de reprodução celular. O vírus não consegue se reproduzir sozinho, ele precisa entrar numa célula para usar o seu material genético para se reproduzir. É diferente de uma bactéria, que tem capacidade de reprodução e não precisa entrar dentro da célula para sobreviver. O vírus precisa entrar e vai lá no RNA: no material genético. A questão é que estamos falando de um processo bem físico, que pega no nível da vitalidade mais ligada com o corpo, a reprodução. Na visão que temos da antroposofia, é um processo que não tem a ver com liberdade, que é muito inconsciente. O vírus se reproduz de forma mecânica, é uma cópia. “Existe um bicho mais feroz e mais forte que este vírus: esse bicho se chama gente.” 80% das vezes, nós matamos o vírus, e ele não mata a gente. Na maior parte das pessoas, o vírus entra e nem sintoma tem, e a porcentagem de quem tem sintoma sem agravar já é 80%... Você começa a ter um número menor que é o não conseguir se defender dessas reproduções e não conseguir resistir.

Ele explica que em uma criança, as forças anímicas espirituais estão dentro do corpo formando-o, com força do metabolismo. Quanto mais vigor e força orgânica tiver, mais a pessoa tem condição de se defender. Nos jovens isso acontece de forma intensa, diferente do idoso. Se você tem um organismo mais ativo, menos risco você tem de adoecer.

Acho fundamental entender que é algo que não tem nada a ver com liberdade. É cópia, é imitação. Acabou a liberdade de movimento. Fazer isso significa se expor.

Haydée agradece ao Darlan por esta conversa, pela franqueza, honestidade de colocar as coisas como elas são. Ela fala sobre alguns pontos importantes para passar informações para as famílias, já que não sabe se todos têm a oportunidade de ler sobre os decretos. Ela conta que o retorno das atividades presenciais vai ser facultativo. O ideal é que as pessoas que tiverem condições de manter um isolamento, façam isso, por ainda não estarmos numa situação de segurança. Para conseguirmos fazer uma redução de danos, precisamos que nem todas as famílias retornem ao mesmo momento porque a escola não comporta. Não estamos voltando para a nossa realidade anterior à pandemia. Não temos espaço, ventilação ideal, espaço aberto; todos conhecem a realidade.

Vamos precisar dessa conscientização das famílias e também uma adesão das famílias aos protocolos. Não podemos gerar uma falsa sensação de segurança, de risco baixo, que está

tudo bem. Não está, e por isso é importante falarmos dessas ideias para todos já irem consolidando-as e pensando.

Nathalia pergunta: a gente não deveria focar em fortalecer o sistema imunológico em vez de ficar no medo?

Darlan comenta que dizer não ter medo não adianta. Conta sobre uma palestra do Steiner que ele fala: “o traço psicológico que mais caracteriza o homem do ocidente é o medo.” Não dá para aconselharmos não ter medo. Você não tira o medo das pessoas. Ele reflete que as pessoas estão muito mais atrás do remédio ou vacina do que dos cuidados com o sistema imunológico. Porém, como falamos sobre este apoio a uma pessoa que tem diabetes? “Resolver o problema do medo é mais difícil do que o problema do covid.” Darla fala sobre esse binômio liberdade X segurança como sendo algo presente da nossa época. A base da economia do capitalismo de ter mais é a necessidade de ter segurança, e a segurança está aí por causa do medo. Não temos liberdade porque precisamos de segurança, e a segurança é o medo. Vamos partir do princípio que as pessoas têm medo. É normal ter medo, e vamos agir mesmo assim. “Buscar não atuar a partir do medo, mesmo com medo. Eu acho que falar em ativar sistema imunológico faria muito mais sentido do que falar de remédio!” Darlan coloca que estamos em uma época muito difícil, e não é só pelo Covid.

Michelle: o plano de retorno está cuidando das crianças que não vão voltar?

Thassia responde que sim. Conta que estamos pensando em vários cenários: um deles é de todas as crianças retornarem. Outro, mais provável, é que só algumas famílias retornem agora, e já de antemão nós sabemos as crianças que são do grupo de risco. O ensino terá que ser híbrido. As crianças que não puderem retornar terão o ensino remoto. Sobre o terceiro cenário, usar outros espaços físicos, não temos discutido isso, mas podemos pensar! Ela afirma que esta interação da roda está sendo maravilhosa para visualizarmos outros horizontes e coloca que vamos continuar construindo juntos.

Haydee diz que quer aproveitar a oportunidade para divulgar para as famílias que ainda não sabem que está sendo construída uma rede de apoio familiar para acolher as crianças que os pais precisam trabalhar. Saiu um formulário nos informes e é importante preencher.

Érika pergunta: gostaria que o Dr. Darlan falasse um pouco sobre os danos psicológicos/emocionais do isolamento.

Darlan conta que há um tema que trabalhamos na formação dos professores que são os 12 sentidos. Ele relaciona o desenvolvimento do corpo com questões comportamentais e psíquicas. Tem uma relação de pares entre esses 12. O mais básico se articula com o mais alto, e há um espelho entre esses sentidos. Um sentido do corpo, que é o equilíbrio, é relacionado com o sentido lá de cima, a audição. O mesmo órgão de um é o do outro. Ele exemplifica dizendo que a gente desenvolve a concentração de uma criança pequena com o equilíbrio e depois vai depender da audição. O sentido do movimento tem a ver com o da comunicação. Tem também o bem estar que se relaciona com o desenvolvimento do pensar, e o mais baixo de todos é o tato, que vai se relacionar com o mais alto: percepção do outro.

Darlan conta que uma criança quem vem ao mundo percebe os outros a partir da forma como os outros a tocam. Essa dinâmica do tato vai se relacionar ao sentido que tem mais a ver com a relação social, tem a ver com essa questão de como uma pessoa lida com a outra. O que acontece agora é que as crianças estão tendo menos contato com as outras individualidades. A grande questão é de novo a questão do medo: vou entrar de novo com as pessoas ou não?

Quando eu começo a mostrar para uma criança que o outro é uma ameaça, estou falando que o outro não é bom, o mundo não é bom. Essa é a questão do isolamento. A falta de confiança é uma coisa muito prejudicial para uma criança pequena. A criança acredita que o mundo é bom, ela está aberta para receber! Agora vivemos uma situação que dizemos que as pessoas são vetores e devemos nos manter isolados. Essa dificuldade de contato, falta de tato, falta de encontro, psicologicamente é uma tragédia. Vamos ter muito problemas por causa disso. Ele ressalta que a questão é que não estamos optando por isso por uma questão de preferência, e sim por essa situação mundial do vírus.

Darlina pontua sua opinião de que visto pelo lado psiquiátrico, vamos ter uma continuidade da Covid 19 num âmbito que não é físico, e também não econômico, mas um resultado dessa vivência de ter o outro como uma ameaça e do afastamento.

“É uma riqueza para uma criança sair de casa, ir a escola! É uma referência de mundo! De aprendizagem! Acho que estamos com um grande problema de ordem anímica e espiritual, além da ordem física”.

Leila relembra que nesse retorno agora as crianças vão encontrar outra escola. Uma escola possível com o que podemos fazer agora, neste momento de pandemia, e não toda esta riqueza que ela é e deveria ser. Porém, estamos cuidando do retorno para minimizar essas questões.

Leila agradece a todos pela presença e pela bonita roda de conversa e informa que, em breve, teremos novos encaminhamentos.